



Transformação por meio de narrativas juvenis nos fragmentos da “Praia da Estação”

Milene Migliano¹

-
- 1 Universidade Federal do Reconcâvo da Bahia (UFRB), Centro de Artes, Humanidades e Letras. E-mail: milenemigliano2@gmail.com.

RESUMO

Atualização do carnaval de rua no centro da cidade, disputas de territórios a partir da Copa das Confederações e Copa do Mundo, Jornadas de Junho e produção de outros modos de resistência urbana são alguns temas aqui apresentados após a investigação da tese de doutoramento, na qual foi realizada uma etnografia digital, sobre a experiência urbana de contestação juvenil pelo espaço público – a Praia da Estação – em Belo Horizonte, Brasil. Depois da publicação de um decreto municipal, em dezembro de 2009, proibindo a realização de eventos de qualquer natureza na Praça da Estação, de centralidade geográfica e simbólica na capital planejada, houve uma convocatória em um *blog* anônimo para uma reunião que objetivava a reversão do abuso autoritário, e que ocasionou encontros, dissensos e muitas transformações com a participação política da juventude praieira, até a participação na política eleitoral.

Palavras-chave: Culturas urbanas. Narrativas. Política. Imaginários.

ABSTRACT

Update of the street carnival in the center of the city, territorial disputes from the Confederations Cup and World Cup, Journeys of June and production of other modes of urban resistance; these are some themes presented here after the investigation of the doctoral thesis, in which a digital ethnography was carried out on the urban experience of juvenile contestation by the public space – Station Beach – in Belo Horizonte, Brazil. From the publication of a municipal decree in December 2009, prohibiting the holding of events of any nature in the Station Square, of geographic and symbolic centrality in the planned capital, there was a call in an anonymous blog for a meeting that objected to the reversal of the authoritarian abuse, and that led to meetings, dissensions and many transformations with the political participation of youth, to participation in electoral politics.

Key-words: Urban cultures. Narratives. Politic. Imaginaries.

1 PRAIA DA ESTAÇÃO

O artigo proposto para a seguinte edição busca dar a ver as problemáticas abordadas em minha tese de doutoramento, à luz do entendimento da participação majoritária nos processos em questão, pela juventude habitante de Belo Horizonte, Minas Gerais. Na investigação da tese, apresentei e tensionei a produção de imaginários políticos outros a partir da criação, circulação e acesso de – fragmentos de – narrativas (BENJAMIN, 1996) por meio da internet, das novas tecnologias de informação e comunicação (Ntics) e das redes de sociabilidades urbanas, entre ambas, articuladas. Buscamos compreender se, e quais, as transformações que os usos e apropriações da internet e Ntics estabelecem como potências de transformação dos modos e cultura da juventude na reivindicação a favor dos espaços públicos urbanos, bem como de outros direitos à cidade, que ultrapassam os sentidos da praça, no estudo de caso em que me debruço, a partir da (re)conquista do direito de uso da Praça da Estação. Após a publicação de um decreto municipal – que entrou em vigor em primeiro de janeiro de 2010 – proibindo os eventos de qualquer natureza na referida praça,

a articulação de um encontro convocada por um *blog* anônimo,² muda as possibilidades de perpetuação do decreto. O encontro termina por articular uma lista de *e-mails* e na sequência uma “praia” no espaço público, buscando uma contestação muito diferente das usuais, até àquele momento. À mobilização propõem uma apropriação lúdica do espaço público que, em três semanas, faz que o prefeito suspenda o decreto e que os dias de hoje, em 2018, o uso da “Praia da Estação” configure uma mobilização política polifônica que se dá no espaço urbano da capital mineira.

Por meio da etnografia digital (HINE, 2004; MILLER, 2016), proposição ainda em construção no campo das ciências sociais, mas que tomamos como desafio sua realização, compreendendo as possíveis contribuições que a tese possa vir a oferecer às próximas investigações, esmiucei as situações entre ambientes digitais e espaços urbanos, na busca por imagens capazes de instaurar narrativas outras, diferentes da ordem policial (RANCIÈRE, 1996) que conforma a vida social. Tais imagens, como fragmentos de narrativas das experiências urbanas vividas, práticas culturais inventadas e instauradas na Praia da Estação, tem como potência uma dimensão política, de apresentação de outra realidade social possível.

2 FRAGMENTOS DE NARRATIVAS

A ideia de fragmentos de narrativas surge quando compreendo que na tradução realizada a partir da etnografia digital, estou em contato com textos – postagens, imagens, sons – dispostos de modo

-
- 2 O *blog* anônimo é o Vá de branco, (ver em: vadebrancoblogspot.com), que tem como primeira postagem o texto intitulado “Entenda o decreto que proíbe eventos na Praça da Estação”, no qual constava também uma imagem da publicação do decreto na página da prefeitura, replicada em diversos outros *blogs* da época, compondo uma rede social. O texto faz referência ao motivo que o prefeito desfila para o decreto ter sido publicado: a dificuldade em limitar o número de pessoas nos eventos realizados na praça e a depreciação do patrimônio público que, também segundo o decreto, vinha ocorrendo nos últimos eventos, durante o ano de 2009. A postagem ainda trazia um “acesse os links” no qual está o *link* para o decreto publicado, uma notícia do jornal *Estado de Minas* sobre a proibição e outro do jornal *Hoje em Dia*, que não está mais acessível.

fragmentado. O consumo dos excertos, que fazem referência a uma experiência vivida entre os corpos presente no espaço público e as virtualidades acionadas pelas redes sociais digitais, compõem as narrativas de forma lacunar, favorecendo o reconhecimento e apropriação imaginária. Cada pessoa que lê tais fragmentos é capaz de produzir uma narrativa diferenciada e que conecta os extratos a partir das experiências que viveu. Ao buscar traduzir fragmentos de narrativas, encontrados entre as plataformas de registro e compartilhamento *online* e a vida experimentada na rua, de 2009 a 2017, indaguei, investiguei e considerei que a experiência da Praia da Estação possibilita a superação da contenção do imaginário político urbano. (RIBEIRO, 2011) A tradução da tese pode encontrar-se com narrativas que remetem às batalhas ganhadas com a união dos corpos jovens em roupas de banho na praça pública em uma cidade não litorânea e sem esse tipo de cultura, a revogação do decreto, a (re)criação do carnaval no centro da cidade, a invenção de outras narrativas e muitas lutas reativadas por meio da praia. Os imaginários postos em circulação desde a mobilização, ativaram a rede de sentidos e de possibilidades de ações praticadas, antes impensadas em Belo Horizonte.

A proposição deste texto é criar um mapa de fragmentos de narrativas produzidas pelos banhistas que se conectam com outras narrativas jovens, espaços simbólicos nas diversas plataformas *on-lines*, formando parte da experiência de resistência, negociação – incluindo os algoritmos – e criatividade. Este mapa retoma os caminhos percorridos na investigação da tese e desenha uma possibilidade de leitura das redes juvenis conectadas na experiência urbana da Praia da Estação que transformaram e transformam a realidade cotidiana de Belo Horizonte.

3 MAPA

A primeira conexão com reivindicações da juventude, a qual se une a Praia da Estação, é a que busca a garantia do direito aos

espaços públicos para a realização de eventos, encontros e outras apropriações culturais, nos quais as visibilidades das práticas culturais urbanas por eles produzidas podem tomar corpo. Essa rede foi ativada a partir da primeira reunião convocada pelo *blog* Vá de branco, na qual os cidadãos, e entre eles, em sua maioria jovens presentes, deram a ver diversas formas de ação direta e indireta de tomada dos espaços das cidades, sugerindo ações de transformação da realidade da interdição do decreto. Importante anotar que, neste primeiro momento de mobilizações, a juventude conectada era em sua maioria proveniente de uma classe média branca que passou a tomar parte de um cotidiano para além do horário comercial do centro da cidade, misturando-se com ativistas de outros tempos, moradores de rua e outras pessoas que se interessaram, mesmo que momentaneamente, pelas contestações.

Alguns contaram suas ações de pixação³ e depredação dos órgãos públicos, como maneira de mostrar o descontentamento às decisões autoritárias governamentais. Outros sugeriram que as ações a serem tomadas fosse o processo de judicialização, por meio da defensoria e ministério público. Outros narraram a experiência de mobilização das associações de bairro para que fosse reconquistada a possibilidade de utilização do espaço público da praça. Outros apresentaram a possibilidade de acionamento da mídia nacional para dar visibilidade à opressão que a prefeitura estava produzindo na cidade, indo contra o estatuto das cidades, recém-publicado pelo governo federal. Outros disseram da possibilidade da luta a vir a ser construída com o auxílio de forças invocadas pela religião, como a do candomblé. Outros narraram o movimento de ocupação de edifícios públicos pela moradia. Ao ser convocada a primeira praia e a estar em roupas de banho, a Praia da Estação articulou as narrativas dos corpos juvenis para a subversão da lógica simbólica da

-
- 3 O termo é grafado com x, condizente com a maneira como os grafiteiros e praticantes da escrita da cidade se auto intitulam, já que relatam que a grafia com *ch* é o modo como os que consideram sua prática cultural ilegítima e/ou vandalismo.

tradicional família mineira, perspectiva conservadora, relacionada com as práticas e liturgias da igreja católica e o coronelismo.

A ética *hacker*, modo de produzir e experimentar a realidade a partir do entendimento do desenvolvimento de soluções colaborativas por meio do computador, identificável nas ações anônimas e pseudônimas, desqualificando a autoria e autoridade, também foi apresentada e utilizada: foi o primeiro consenso que emergiu das práticas de luta da Praia da Estação. Naquela primeira tarde da reunião do Vá de branco foi criada uma lista de *e-mails* com cerca de 80 endereços, na qual era mais do que válido comunicar tudo o que estava acontecendo sobre a praça. O *blog*⁴ criado na plataforma Blogspot, na sequência, conectou todos os colaboradores à rede social da plataforma Blogger, possibilitando a identificação do perfil desses colaboradores, isto é, uma eleição do que se gostaria de dizer sobre si próprio em uma condição de organização contra a lei. As reuniões eram todas horizontalizadas e as decisões eram todas tomadas em corpo presente, embora ambas as utilizações das plataformas alimentassem de informações, bem como possibilitavam a troca de argumentos a respeito de qualquer questão que surgisse, como foi o caso da definição de ação da praia quando o prefeito, depois de duas semanas revogou o decreto instituindo uma comissão não paritária de definição do que será da praça Rui Barbosa, nome oficial da Praça da Estação.

-
- 4 O *blog* criado foi o Praça Livre (Disponível através do link: <https://pracalivrebh.wordpress.com/>), com perfil aberto para colaboração até a atualidade, com uma postagem fixa na página inicial do mesmo, disponibilizando o *login* e a senha. Importante notar que no início da mobilização da Praia da Estação, as redes sociais eram mobilizadas pelos *blogs*, pelo Youtube e pelos *e-mails*, além dos comentários nas notícias que começavam a ser disponibilizadas *online*.

Figura 1 – Imagem do primeiro Bloco da Praia da Estação, em 2010



Fonte: Mafra (2010).

A retomada do carnaval de rua na capital mineira, com invenções de fantasias críticas aos políticos locais, marchinhas irônicas, trajetos e enfrentamentos à polícia militar, une a experiência da Praia a outras narrativas de rebeldia da juventude na história da cidade planejada, inaugurada em 1897. A área urbana projetada para dentro da Avenida do Contorno, hoje cinco por cento da sua extensão territorial, tinha as brincadeiras de entrudo proibidas, praticadas nos carnavais populares com o arremesso de farinha, ovos e água nos foliões, deixando um rastro da festa no caminho. O carnaval almejado pela elite governante era apenas o dos bailes nos clubes e o dos desfiles de carros, no qual a maior parte do público deveria restringir a sua participação na festa a aplaudir os carros na avenida. Alguns carnavais eram feitos ao saírem escondidos do poder

público nos primeiros anos do século XX, e os nos primeiros dos do XXI, em Belo Horizonte, repetiram a subversão; ambas foram marcadas pelas festas que performatizam nos corpos os desejos, projetos e imaginários políticos. Essa conexão dá a ver a busca dos habitantes de Belo Horizonte em construir uma alternativa festiva participativa na cidade e não uma festa espetacularizada, o intuito de consolidar um carnaval na cidade. No sábado de carnaval, depois de pré-agendar o banho do caminhão-pipa para a frente da prefeitura, o bloco da Praia da Estação começou a sua concentração ao lado das grades de cercamento que a prefeitura havia implementado na praça, para uma festa fechada a acontecer no local. As pessoas foram chegando, fantasiadas com máscaras e roupas que caracterizam usos lúdicos, esportivos, banhistas e musicais de uma praia. Depois de aquecidos os tambores, os banhistas resolvemos adentrar o cercamento e pulando as catracas, reinventamos o espaço da festa delimitado pela prefeitura.

O carnaval fez a praia expandir seu território ocupado no espaço urbano, tanto na dimensão da ampliação dos logradouros públicos ocupados temporariamente quanto nas possibilidades imaginárias, já que muitos outros referenciais simbólicos foram acessados pelas criações de fantasia e necessidades do Bloco da Praia. Os ritmos das músicas e marchinhas de carnaval, de outros tempos e outros lugares, ao serem entoadas pelas ruas da cidade causavam uma suspensão do tempo e espaço (re)territorializando a dimensão da festa no espaço urbano, mobilizando variadas narrativas que passam a compor também o imaginário político que acompanha a Praia da Estação.

Nos primeiros anos da folia contestatória, aconteceram leituras dos foliões que atualizam a luta pelos espaços públicos em Belo Horizonte, contextualizando as batalhas terminadas, em trâmite e as por vir, contaminando por meio de outros afetos e perceptos todos foliões presentes. Tais contaminações, seguindo Guattari

(1992, p. 116) em *Caosmose*, seriam proporcionadas por mutações dos agenciamentos que precisam ter o porte,

por exemplo, a reprodutibilidade potencialmente ilimitada do texto e da imagem pela imprensa ou a potencia de transferência cognitiva adquirida pelos algoritmos matemáticos no domínio das ciências ...-, quando surgem mutações de tal porte em um deles, contaminam os outros domínios, transversalmente”.

Caracterizações mais possíveis de acontecer devido aos desenvolvimentos tecnológicos da atualidade. A ação de fazer junto com os próprios corpos, uma praia no centro da cidade e o carnaval de rua⁵ de Belo Horizonte, talvez, tenham realizado tal potência ao notarmos tantas inventividades e criatividade em movimento, caracterizando algumas mutações das relações sociais. Os corpos em roupa de banho, as pessoas falando juntas palavras que expressavam seus incômodos na cidade ou cantando marchinhas novas e antigas, produzindo um território da festa, do carnaval, da vida, no asfalto e cimento da cidade, articulando rituais, contestação e contexto carnavalesco.

-
- 5 Algumas outras informações sobre o carnaval na reportagem da *Revista Marimbondo* (Disponível através do link: <http://revistamarimbondo.com.br/artigo/18>) e no depoimento “afeto-festivo” de Guto Borges, um dos puxadores dos blocos de rua naqueles anos (Disponível em: <http://variavel5.com.br/blog/caps-lock-carnaval>), acessadas em 16 de maio de 2017. A fotografia é de Flávia Mafra, e foi capturada em 13 de fevereiro de 2010.

Figura 2 – Imagem do primeiro Bloco da Praia da Estação, Carnaval em 2010



Fonte: Mafra (2010).

Desde 2010, em diversas cidades ao redor do mundo, “movimentos de indignados e por liberdade democráticas” emergiram, dando a ver o que foi chamado de “união dos corpos no espaço público”. (CARNEIRO, 2012, p. 10) Corpos que seguiram para as ruas para juntos, retomarem os espaços nos quais poderiam se encontrar. Segundo o autor, em *Occupy*, coletânea de textos escritos no calor das mobilizações que compõem as ocupações dos espaços públicos até 2011, a disseminação desta maneira de tomar as ruas ocorreu de modo epidêmico, no sentido etimológico, do grego, para além do que uma doença pode ser,

mas algo que ocorre com muita gente do povo, como a conversão religiosa dionisíaca, por exemplo. Houve algo de dionisíaco nos acontecimentos de 2011: uma onda de catarse políticas protagonizada especialmente pela nova

geração, que sentiu esse processo como um despertar coletivo propagado não só pela mídia tradicional da TV ou do rádio, mas por uma difusão nova, nas redes sociais da internet, em particular o Twitter, tomando uma forma de disseminação viral, um boca a boca eletrônico com mensagens replicadas a milhares de outros emissores. (CARNEIRO, 2012, p. 10)

As mudanças que as redes sociais digitais integradas às novas tecnologias de informação e comunicação articularam, produziram conteúdo e modos de operar as novas mídias, em um processo de mobilização de sentidos que se dá de modo transmidiático. (JENKINS, 2009; SANTAELLA, 2003) Sentidos que circulam em uma dimensão transmídia, atravessam tanto as mídias tradicionais como os novos aparatos da difusão pela internet, contaminando eletronicamente os cidadãos em prática política.

No texto “Democracia, segurança pública e coragem para agir na política” de Edson Teles (2012), o autor aponta como peculiaridade do caso brasileiro a violência policial desmedida na desocupação de áreas que tem “forte especulação imobiliária”, como no caso do Pinheirinho, em São José dos Campos e também no caso da Cracolândia, no centro de São Paulo. Tal despreparo para lidar com a população demonstra um braço do poder público agindo contra quem ele deveria zelar: “Para que o projeto se concretize, é necessário limpar as áreas da presença dos pobres” (TELES, 2012, p. 79), comenta o autor ao ler notícias que dão a ver um discurso que legitima a higienização das ruas da cidade para garantir a segurança pública.

Os que são vítimas da desigualdade social podem tornar-se inimigos da polícia militar – e outras instâncias responsáveis por garantir determinadas posturas no espaço público – a partir de uma determinação judicial ou mesmo de um consenso da ordem pública, instaurado por uma situação. Apesar de considerar, naquele momento, que o caso brasileiro não conformava uma experiência tão radical

nos modos de expressividade política urbana, se comparado às outras situações narradas nos textos da coletânea, Teles (2012) já apontava a crista da onda do que viria a ser 2013: o confronto entre a polícia militar e a juventude e/ou mobilizações de luta e defesa de visões de mundos diferentes do modo hegemônico de governar o espaço público.

A ação repressiva do Estado, legitimada pela ideia de defesa dos direitos, alimenta o sentimento de constante ameaça à propriedade, ao emprego, ao salário, ao consumo e à ação política, gerando o medo paralisante. É como se um fantasma rondasse a sociedade, obrigando-nos, em momentos de transformação, a adotar uma política do possível evitando rupturas. Vivemos um momento grave da nossa vida social, em que precisamos refletir sobre qual democracia queremos e, mais do que isso, agir com radicalidade para denunciar um modo autoritário e manipulador de se fazer política. (TELES, 2012, p. 82)

A “experiência brasileira” reconhecida internacionalmente nas referências bibliográficas, que integra essa onda dos novos modos de reivindicação – que transformaram diferentes cidades articuladas via internet – ainda viria a acontecer, concatenando ações conjuntas em mais de 100 cidades: foram as chamadas Jornadas de Junho, em 2013. A partir das marchas convocadas pelo Movimento Passe Livre contra o aumento da tarifa de ônibus em São Paulo e da violência policial que oprimiu os manifestantes em 13 de junho de 2013, foram agenciadas marchas, protestos e o despertar de muitas reivindicações, em diversas cidades do país. A violência policial foi tanta na capital paulista, que, com o uso equivocado das chamadas armas não letais, como a bala de borracha, a polícia feriu manifestantes e cegou um olho de uma jornalista. Tal fato visibilizou a desconsideração da defesa dos direitos humanos nas manifestações de expressividade política, mesmo que legitimadas pela constituição brasileira.

a fagulha das manifestações de junho não surgiram do nada: foram anos de constituição de uma nova geração de movimentos urbanos – o MPL, a resistência urbana, os movimentos sem-teto, os movimentos estudantis – que, entre ‘catraços’, ocupações e manifestações foram se articulando em redes mais amplas, como os Comitês Populares da Copa e sua articulação nacional, a Ancop (ROLNIK, 2013, p. 9)

As primeiras manifestações na capital paulista, que reivindicavam o não aumento das tarifas, além de uma série de outras demandas, como a fiscalização das condições de transporte e circulação dos veículos e uma auditoria das concessões às empresas de ônibus, também ficaram conhecidas como a “Revolta dos 20 centavos”. Eram os 20 centavos do aumento da tarifa, mas que no bolso do trabalhador fariam muita diferença no final do mês, ao equilibrar todas as contas da casa. Depois da violenta atuação policial às marchas, consolidando a peculiaridade apontada por Telles sobre a onda do caso brasileiro, as revoltas das Jornadas de Junho também ficaram conhecidas como “A revolta do vinagre”. Ao saberem que o vinagre inibe a ação do gás lacrimogênio, os jovens manifestantes começaram a levar para as marchas mochilas com embalagens do produto do alívio para o momento do ataque policial. A polícia militar, em uma ação de “prevenção” ao vandalismo ao patrimônio público, passou a averiguar as mochilas dos jovens que circulavam próximos às regiões das marchas em muitas cidades, apreendendo frascos de vinagres, e os jovens detidos, interditan-do-os de participar das mobilizações e produzindo imagens veiculadas pela televisão dos potenciais vândalos.

As manifestações que se alastraram pelas ruas do Brasil em junho e 2013, motivadas inicialmente pela ação truculenta da polícia nos protestos contrários ao aumento da passagem urbana em São Paulo, caracterizaram-se pela multiplicidade de pautas evidenciadas em improvisados

cartazes, críticas à imprensa e aos partidos políticos, assim como a recusa à representação típica dos movimentos sociais tradicionais. Destaca-se, em nossa abordagem, o fato de se processarem na interface porosa entre as ruas e mídias sociais. (ALZAMORA et al., 2014, p. 39)

A conexão com as experiências da Praia da Estação com as da Jornadas de Junho em São Paulo, questionando mobilidade e violência policial, trouxeram possibilidades de relações com as narrativas contra-hegemônicas da juventude periférica, negra, em Belo Horizonte. Durante as manifestações na cidade, foi criada a Assembleia Popular Horizontal, que se reunia para pensar formas de articular a luta e movimentações de modo planejado coletivamente, assim como as grandes marchas.

Em uma destas noites, em que a população, com um grande número de jovens, caminhava nove quilômetros desde a Praça Sete de Setembro, no centro da cidade, até o Estádio do Mineirão, na região Pampulha, onde aconteciam os jogos de futebol do megaevento “Copa das Confederações” e onde foram assassinados pela polícia dois jovens: um negro, metalúrgico e estudante, empurrado de um dos novos viadutos construídos em uma obra gigantesca de requalificação da Avenida Antônio Carlos; e um morador de rua, que participava ativamente de um grupo de teatro trans, além de ser banhista da Praia da Estação. Na Assembleia Popular Horizontal, que eram articuladas pelo Facebook onde também circulavam as atas das reuniões, surge a ideia de terminar a última manifestação com a ocupação da câmara municipal, reivindicando a abertura das planilhas financeiras da BHtrans, órgão responsável pelo trânsito, além de exigir justiça e visibilidade para as atrocidades da Polícia Militar.

Muitos dos jovens negros secundaristas, que fizeram parte desta ocupação da Câmara Municipal, chegaram à Praia da Estação em 2015, na Praia da Independência ou Morte, que contou com a participação de cerca de dez mil pessoas – número muito próximo à

confirmação de usuários no evento criado no Facebook – interessadas em outros ritmos, como o *funk*. Independência ou morte é a frase que D. Pedro I, o príncipe português que se tornou imperador do Brasil, em sete de setembro de 1822, gritou às margens do córrego Ipiranga, em São Paulo.

Figura 3 – Imagem encontrada no perfil de um dos organizadores da Praia da Independência ou morte



Fonte: Perfil de Facebook: Du Pente ([2010?]).

A imagem capturada do Facebook mostra que mesmo sem a água das fontes, que estavam desligadas desde as manifestações de 2013, a edição da Praia da Estação Independência ou Morte foi um sucesso, com uma expressividade de corpos da juventude negra tomando parte na praia no final da tarde do feriado. Com a imensa mobilização e encontros ocasionados naquela praia do feriado nacional, a juventude negra, em associação com banhistas das antigas, demandaram do prefeito a religação das fontes, para que o conforto programado para os transeuntes e usuários dos pontos de ônibus fosse menos afetado com o calor exacerbado pela falta de

árvores, em decorrência da revitalização. Ele nega-se a fazer o solicitado, dizendo que as peças da fonte precisariam vir da Europa, ao que foi respondido com uma chamada para uma Praia da Estação na Savassi, para que fossem nadar nas fontes da praça mais abastada da cidade, com um comércio direcionado a uma população de alta renda. Imediatamente o prefeito, pressionado pela associação lojista da área comercial, religa as fontes, dando a ver a mentira que havia contado, mas imaginando que os jovens suspenderiam a Praia da Savassi.

Mas sim, a Praia da Savassi aconteceu e produziu uma experiência que resultou em imagens tão belas de união, força e divertimento quanto aos fragmentos de narrativa da Praia da Estação, daquela tarde de independência ou morte. A Praia da Savassi proporcionou a conquista do imaginário das classes mais ricas, quando percebem que todos os cidadãos podem exercer sua condição de pertencimento à cidade onde habita, ocupando o espaço público para dar a ver as diferenças bem como outros modos de ser em relação social dos jovens negros tantas vezes silenciados na contemporaneidade urbana do Brasil. Em Belo Horizonte, nas eleições municipais de 2016, um dos desdobramentos da Assembleia Popular Horizontal foi a criação da plataforma Muitas, de candidaturas pela cidade que queremos, que, em uma articulação inovadora – inspirada pela experiência de construção horizontal Podemos! de Barcelona – que elegeu a vereadora mais votada da história da cidade: Áurea Carolina, mulher negra, mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com mais de 17 mil votos.⁶

O último ponto no mapa, a da visibilidade e manutenção do lugar de fala dos corpos jovens Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Queers e mais (LGBTQ+) apresenta a conquista de espaços de

6 No processo eleitoral de 2018, Aurea Carolina foi eleita Deputada Federal de Minas Gerais, participando da candidatura coletiva Muitas, que elegeu também a Deputada Estadual Andreia de Jesus, mulher negra que integra a luta dos moradores sem teto.

produção simbólica entre a praia e a cidade. Desde a primeira Praia da Estação, os corpos jovens que tensionavam o imaginário da tradicional família mineira, o faziam dando a ver outros modos de se expressar politicamente a capital, com a presença de seus corpos, em roupas de banho, na praça pública. Mas para além dos corpos *seminus*, reconheci corpos de jovens em maiôs femininos, deslocando o sentido normativo das roupas de banho, inclusive em seus gestos de performances antibinárias no que diz respeito aos gêneros. Nos anos de desenvolvimento da praia, a cada encontro, novas expressividades do ser jovem no mundo, recriando e contestando as regras e sentidos comuns, se estabeleceu. A ativação destas redes se conecta com as lutas de reconhecimento do direito ao nome social, a liberdade de ir e vir na cidade, as possibilidades de expressão do afeto sem repressão ou violência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mapa que desenhamos neste breve texto apresenta diversas redes de conexões entre a juventude, seja ela ativista da Praia da Estação, os banhistas, e os jovens e seus questionamentos relacionados a seus modos de existirem no mundo.

A última imagem, apresentada na Figura 4, sintetiza, em alguma medida, o que pude concluir com a tradução realizada na investigação da tese é que há uma Praia da Estação, geolocalizada, multisensorial e plurissimbólica, que se estabelece por meio de uma subversão das regras impostas na cidade de Belo Horizonte, por meio de ações diretas e coletivas da juventude habitante da cidade, no acionamento e redesenho de redes sociais presenciais e digitais. Desejo que os imaginários de tal experiência política e urbana possam contagiar e contaminar outros territórios em suas lutas contra a opressão simbólica e material, sistematizados no ideário da hegemonia do sistema capitalista. (GUATTARI, 2012, p. 116) Que as redes sociais digitais continuem a (re)existir para que tais trocas e encontros continuem a se realizar.

Sim, há potências em transformação tanto das formas narrativas como dos modos da juventude de reivindicar o direito à cidade e à cidadania, a partir das mobilizações que se dão nos meios digitais e nas transformações que esses espaços sofrem; mas também há reincidências em captura das experiências urbanas e do entendimento da democratização midiática. Nota-se, nos usos das mídias digitais e criação das redes de sociabilidade, a redução significativa dos argumentos em disputa, que encontrávamos nos *blogs* e um novo modo de operar as redes sociais nas bolhas algorítmicas da rede social do Facebook, com uma ênfase na circulação de curtidas. Nota-se o uso do corpo como materialidade simbólica e arma política, superando a perspectiva do ideário da tradicional família mineira – heteronormativa, católica, pudica e estruturada nas desigualdades de classe – quando os corpos tomam a praça em roupas de banho, e se libertam em encontros, contatos, ensaios, carnavais e trocas de afetos e visões de mundo diversas das antes possíveis naquela praça de concreto.

Outros imaginários políticos mais do que passaram a tomar corpo e forma, desde a ampliação de usuários que as interfaces das redes sociais amigáveis produzem. Os imaginários outros que observo surgirem também tem relação com a expressão da imagem da cidade: se no início dos anos 2000, a representação imagética da capital mineira se dava por imagens panorâmicas de uma cidade modernizada, sem pessoas em cena – ou quando apareciam na mídia impressa eram basicamente brancos –, a partir do estudo de caso da Praia da Estação, os corpos jovens têm tomado a cena, e nos últimos anos, os corpos da juventude negra.

Concluo aqui a necessidade de repensarmos a potência de dissenso que os usos dos meios digitais ainda tem diante de nossas práticas culturais contemporâneas, antes que a juventude atual passe de consumidora ativa de tamanho engenho simbólico, para consumidora passiva e induzida, reproduzindo discursos como em uma lavagem cerebral.

Figura 4 – Imagem de placa oficial alterada com uma intervenção artística



Fonte: Coletivo Artivista ([2010?]).

REFERÊNCIAS

- ALZAMORA, G. *et. al.* Acontecimentos agenciados em rede: os eventos no Facebook no dispositivo protesto. In: SILVA, R. H. A. (org.). *Ruas e redes, dinâmicas dos protestos BR*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Obras Escolhidas, v. 1).
- BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.
- BENJAMIN, W. *Capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

- CARNEIRO, H. S. Apresentação: rebeliões e ocupações de 2011. In: HARVEY, D. et al. *Occupy*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.
- COMITÊ INVISÍVEL. *Aos nossos amigos: crise e insurreição*. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- DERAKSHNAN, H. Salve a internet. *Piseagrama*, Belo Horizonte, n. 8, p. 52-55, 2015. Disponível em: <http://piseagrama.org/salve-a-internet/>. Acesso em: 7 jun. 2019.
- DIDI-HUBERMAN, G. *Remontar, remontagem do tempo*. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2016. (Caderno de Leituras, n. 47).
- DIDI-HUBERMAN, G. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2011.
- GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.
- HINE, C. *Etnografia virtual*. Barcelona: Editorial UOC, 2004.
- JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.
- MARQUES, Â. C. S. Três bases estéticas comunicacionais da política: cenas de dissenso, criação do comum e modos de resistência. In: ENCONTRO NACIONAL DA COMPÓS, 21., 2012. *Anais [...]*. Juiz de Fora: UFJF, 2012. p. 1-14. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1830.pdf. Acesso em: 20 jun. 2016.
- MILLER, D. et al. *How the world changed social media*. Londres: UCL Press, 2016. Disponível em: <http://discovery.ucl.ac.uk/1474805/1/How-the-World-Changed-Social-Media.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2019.
- PARISER, E. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- RANCIÈRE, J. *O descentendimento: política e filosofia*. Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.
- RIBEIRO, A. C. T. Nós temos hoje uma espécie de contenção do imaginário político. [Entrevista cedida a] Milene Migliano. *Revista Marimbondo*, [s. l.], v. 1, 2011. Disponível em <http://revistamarimbondo.com.br/artigo/25>. Acesso em: 7 jun. 2019.
- RIBEIRO, A. C. T. Sujeito corporificado e bioética: caminhos da democracia. In: RIBEIRO, A. C. T. *Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013. v. 2.

ROLNIK, R. Apresentação: as vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In: HARVEY, D. *Direitos rebeldes, passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013.

SANTAELLA, L. *Cultura e artes do pós-humano*. São Paulo: Paulus, 2003.

TELES, E. *Democracia, segurança pública e coragem para agir na política*. In: HARVEY, D. *et al. Occupy*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.